

O ouro dos museus,  
A derramar-se, estanque,  
É ornato da morte  
Para a festa da cinza.

Todo o ouro das minas  
É promessa de pão,  
E o ouro da moeda  
Que auxilia e circula  
É sangue do progresso.

Mas apenas o ouro  
Que gastas apagando  
As aflições dos outros,  
Acendendo sorrisos  
Em máscaras de pranto,  
É o ouro da alegria  
Nos tesouros de amor  
Que acumulas no Céu.

Rodrigues de Abreu

## NOTÍCIAS DA MORTE

Peço aqui a cada um  
Que, por favor, me suporte,  
Mas vários amigos mandam  
Que eu escreva sobre a morte.

Não sei o porquê da escolha,  
Já que não sou literato,  
Verso que eu possa compor  
Recorda uma flor do mato.

Antigamente julguei  
Que a morte fosse a visão  
De uma bruxa escaveirada  
Com grande foice na mão.

Agora que atravessei  
A terra-de-toda-gente,  
Posso falar de cadeira  
Que ela é muito diferente.

Ninguém escapa na Terra  
Às influências da dita,  
Ela chega para todos,  
Mas pouca gente acredita.

Quando não surge de estalo,  
Vem vindo de passo em passo,  
Começa por uma dor,  
Uma tristeza, um cansaço...

Quando desponta, de início,  
Pouco a pouco, ela reclama  
Remédio, exame, cuidado,  
Silêncio, repouso e cama.

Se o Céu envia uma ordem  
De suspender a sentença,  
Ela deixa a Medicina  
Afugentar a doença.

Mas quando tem carta branca  
Para trabalho, a preceito,  
Ela carrega a pessoa  
Agindo de qualquer jeito.

É um quadro triste de luta...  
Muita gente, nessa hora,  
Pede apoio e proteção  
A Deus e Nossa Senhora.

Uns gritam: "Quero ficar,  
Tenho meus filhos pequenos...  
Socorro, meu Deus, preciso  
De mais tempo, mais ou menos..."

Outros suplicam: "Doutor,  
Eu pago o que possa ter,  
Tome qualquer providência,  
Mas não me deixe morrer..."

Contudo, se o Céu ordena,  
De nada a Morte se espanta,  
Ciência fica no estudo,  
Remédio não adianta.

Então se estira a pessoa  
Num sono esquisito e enorme,  
Lembrando nesse descanso  
Uma lagarta que dorme.

Depois, recorda um casulo  
Na caixa, em forma de cocho,  
E o corpo sem movimento  
Tome vela e pano roxo.

Logo em seguida, a pessoa  
 Acorda e entra em ação,  
 Copiando a borboleta  
 Que deixa a casca no chão.

Aí, é que o carro pega:  
 Se a consciência está boa,  
 É muito encontro feliz  
 E muita luz na pessoa.

Mas, se apenas sombra e culpa  
 É o que a mente em si carrega,  
 Parece um doente aos gritos,  
 Brincando de cabra cega.

Aqui termino a conversa.  
 Nada mais a comentar.  
 Da morte já disse tudo  
 O que eu podia falar.

Toda criatura na Terra,  
 Cada qual por sua vez,  
 Recebe, depois da morte,  
 Somente a vida que fez.

Leandro Gomes de Barros